

Regional

DA ALEMANHA PARA SÃO MATEUS

Lembranças da Segunda Guerra

Erika Schmitz, alemã que veio para o Estado há 59 anos, conta como sobreviveu ao conflito e o medo que passou em seu país

Fábio Segantini
SÃO MATEUS

Quem não viveu os horrores da Segunda Guerra Mundial tenta imaginar por meio de filmes e livros o que aconteceu nas diversas trincheiras espalhadas na Alemanha entre os anos de 1939 e 1945.

Mas para uma moradora de São Mateus, testemunha ocular de muitos fatos, basta apenas consultar a memória para trazer à tona as cenas que marcaram esse capítulo da história.

Ela é Erika Schmitz, uma alemã de 84 anos que vive há 59 no município do Norte capixaba.

A experiência de ter fugido de bombas e de ouvir sirenes tocando a qualquer hora do dia avisando a chegada das tropas inimigas no país, então nas mãos de Adolf Hitler, é até hoje assunto de conversas entre a imigrante e os netos.

“Sempre achei importante saber por ela e por meu avô (Johannes Schmitz), quando era vivo, essas histórias. A trajetória dela foi marcada por muita lutas”, disse o neto Helio Schmitz, 29 anos.

Uma dessas passagens aconteceu quando Erika tinha 16 anos. Ela foi obrigada a trabalhar nas terras de fazendeiros de Wewelsfleth, norte da Alemanha, como controladora da produção de leite e na plantação de alimentos.

“E foi ali que eu aprendi a dar valor às coisas. Na Alemanha, quem tinha um pedaço de terra e três vacas leiteiras não passava fome. Todos aproveitavam tudo com controle para não deixar faltar os alimentos na mesa”, lembra.

Sobre os dias de batalha entre alemães e aliados, Erika relembra que o barulho das sirenes estão até hoje gravado em sua memória.

“Havia sirenes tocando o tempo inteiro avisando a chegada de aviões entrando na vila. Era soar uma para todo mundo correr para os esconderijos sob as casas”.

Entre os momentos de medo, a aproximação das aeronaves era para ela o momento mais desesperador.

“Você via à noite os aviões passando, soprando pela noite as suas armas em todas as direções. Não tinha como não ter medo. Era uma loucura de sirenes misturadas ao barulho dos mais de 50 aviões que passavam por vez”.

E completa: “Teve um avião que caiu na vila, derrubado pela bateria antiaérea. Ao cair no chão, não sei o que fizeram com os tripulantes, se estavam vivos ou mortos e para onde foram carregados. Foi um dia em que tive muito medo”.



ERIKA, de 84 anos, relembra e conta para os netos sobre os bombardeios e as sirenes na Alemanha durante a guerra. Na foto abaixo, a alemã e o marido (em pé), com os pais dele, dois filhos e o padre Guilherme Schmitz, que foi o primeiro da família a chegar a São Mateus

Amor em meio ao conflito

Um conflito marcado pelo holocausto dos judeus e que culminou na queda do ditador Adolf Hitler.

No meio de tanto sangue na Segunda Guerra, surge a história de amor entre os jovens Erika e Johannes Schmitz, na Alemanha.

“No último ano da guerra, encontrei um marinheiro que mexeu com meu coração. O navio aportou em uma vila, no rio Stör, onde os marinheiros foram passear. Eu estava com uma amiga quando três jovens começaram a conversar conosco. Um deles era Johannes”, lembra Erika Schmitz, 84.

Pela fama que cultivavam de ter uma namorada em cada porto, marinheiros nunca foram vistos com bons olhos pela então jovem.

“Mas dos encontros seguintes o

romance e o desejo aumentaram”.

Entre bombas, aviões ingleses, trabalhos forçados nas fazendas e missões na Rússia, Erika e Johannes se encontravam vez ou outra, apesar de a mãe da moça ter sido no princípio contra a relação, por gostar do ex-namorado da filha.

“O medo era constante para todos os moradores da vila. Mas fiquei ali firme esperando o dia do fim da guerra que se aproximava a cada tropa aliada que cruzava no norte da Alemanha”, lembrou ela.

Com a derrota alemã, todos os soldados foram presos por um ano, entre eles Johannes, que ao ser libertado, procurou Erika e a convidou para morar com ele. Naquela época, Johannes pensava em vir para o Brasil, onde o irmão mais velho, Guilherme, era seminarista.

“Johannes adorava o Brasil e a diversidade de animais que ele descobria que tinha aqui o fascinava. Em 1950, os meus sogros conseguiram uma licença para embarcar para o Brasil. Um ano depois conseguimos a nossa”.

No Brasil o casal teve outros três filhos: mais um homem e duas mulheres.

“O medo era constante. Mas fiquei ali firme esperando o dia do fim da guerra”

Erika Schmitz



Sufoco para chegar ao País

Com a Alemanha destruída pela guerra e o sonho do marido de morar no Brasil e conhecer a Amazônia, a família Schmitz foi convencida pelo irmão de Johannes, o padre Guilherme Schmitz, que já morava no Espírito Santo há alguns anos, a virem para o País.

Debaixo de um frio de 29 graus negativos, embarcaram no porto de Hamburgo Johannes, Erika, o filho Erico, com 3 anos, e os sogros dela, Johann e Katarina.

“Estava disposta a viver a aventura. O irmão dizia que tinha terras em São Mateus e que poderíamos ficar lá. Embarcamos rumo ao desconhecido”, afirmou Erika.

Foram 21 dias de confinamento em um navio repleto de europeus e carvão, que depois seguiu para a Argentina, onde homens e mulheres, com os filhos de colo, ficaram

divididos em dois galpões até atracar no porto do Rio de Janeiro, em 21 de fevereiro de 1951, em pleno calor carioca do Carnaval.

“Demoramos três dias para sair do canal de Hamburgo. Depois passamos pela Espanha, Lisboa, Ilhas Canárias. Foi uma viagem horrível. Logo nos primeiros dias passei mal e fiquei enjoada com balanço do navio. Quando chegamos ao Rio, estava quase 40 graus, o que me deixou eufórica”.

Do Rio, a família pegou um avião com destino a Vitória.

“Chegamos ao aeroporto de Vitória às 6 horas e até São Mateus foram mais de 10 horas de viagem de carro. A ponte em Linhares ainda não existia e as estradas eram precárias. Quando cheguei aqui viu uma cidade muito parecida com a nossa por causa do rio Cricaré”.



CASAMENTO de Erika e Johannes

Regional

DA ALEMANHA PARA SÃO MATEUS

Família sofreu preconceito e perseguição por ser alemã

FÁBIO SEGANTINI - 28/08/2009

Johannes e Erika Schmitz enfrentaram dificuldades ao chegar ao Estado, devido à desconfiança dos moradores

SÃO MATEUS

Quando a família Schmitz cruzou o Atlântico para viver no Brasil, há 59 anos, as notícias que haviam chegado sobre a Segunda Guerra ainda repercutiam entre os moradores de São Mateus. Havia pessoas dispostas a provocações, apesar de o conflito já ter sido encerrado.

“Eu não entendia uma palavra do que as pessoas estavam falando. Demorei um tempo para aprender a falar o português, mas via nos rostos das pessoas aquele olhar de desconfiança por sermos alemães”, afirmou Erika Schmitz.

Segundo Erika, os moradores, na sua maioria, as ofensas de que a família seria nazista não eram levadas a sério, principalmente pelo fato do padre Guilherme ser irmão do marido dela.

“Enquanto a guerra estava em pleno vapor, o padre Guilherme sofreu muitas ameaças e até convencer as pessoas sobre suas intenções, foi alvo de preconceito, o que não veio a acontecer na mesma intensidade conosco, porque



O HISTORIADOR Eliezer Nardoto lembra que o alemão Johannes consertava as armas da polícia de São Mateus

depois da guerra, quando chegamos ao Brasil, ele nos protegeu”.

Mas ela recorda que era preciso muita coragem para morar sozinho na fazenda. “O povo não confiava e sentíamos medo de algo ruim acontecer. Depois que ficamos conhecidos e eu comecei a entender o que as pessoas diziam, ficou mais fácil para se comunicar

e acabar com qualquer desconfiança”, explicou Erika.

O historiador Eliezer Nardoto destaca que a família Schmitz foi a única alemã a vir para o Norte do Estado na fase pós-guerra.

“Johannes (que morreu há 17 anos, por causas naturais) tinha habilidades de marcenaria, armas e ferramentas que o tornaram um

importante aliado da polícia da cidade, na prestação de serviços de manutenção de armas”, lembrou.

Mas para Nardoto, a principal influência da família foi a contribuição religiosa e moral que o padre Guilherme prestou no tempo em que viveu na região, abrindo espaço para a construção de igrejas, escolas e serviços sociais.